



 <https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7783>

**MILENA E O AFROPOLITANISMO NAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA DE MAURÍCIO DE SOUZA:
REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E INFÂNCIA**

**MILENA AND AFROPOLITANISM IN MAURICIO DE SOUZA'S TURMA
DA MÔNICA COMIC BOOKS: REPRESENTATION, IDENTITY, AND
CHILDHOOD**

Victor Emanuel Tavares¹

Daniel Lucas Dantas Pontes²

Concísia Lopes dos Santos³

<https://orcid.org/0000-0002-0928-1270>

RESUMO: A representação da negritude feminina na literatura infantil é crucial para a formação de jovens leitores no que concerne à formação de identidades positivas. Além disso, é uma forma de um ato de resistência contra o racismo. A sua relevância se manifesta em diversos aspectos, como na quebra de estereótipos racistas que reforçavam estereótipos negativos sobre indivíduos negros (como personagens inferiorizados, aterrorizantes ou marginalizados). Portanto, é necessário conduzir um estudo detalhado sobre a representação feminina negra na literatura infantil. Nesse sentido, este artigo pretende analisar a representatividade negra feminina inserida nas histórias em quadrinhos do escritor Maurício de Souza, conhecido por produzir as famosas histórias da *Turma da Mônica* desde a década de sessenta, além de mais de duzentos personagens que influenciaram várias gerações. Sua carreira combina arte, negócios e uma intensa ligação com a cultura infantil. Assim, Almeida (2019) é usado como referência para discutir questões raciais, Ramos (2009) para discutir as histórias em quadrinhos e Carvalho (2006) para discutir os gibis como recurso pedagógico, bell hooks (2019) e Mbembe (2017) com uma discussão mais racial.

¹ Graduado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: victoremanuel2325@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Pau dos Ferros. E-mail: danielpontes27@gmail.com

³ Professora de Teoria da Literatura do Departamento de Letras Estrangeiras no Campus Avançado de Pau dos Ferros, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, do Programa de Pós-graduação em Letras e colaboradora no Programa de Mestrado Profissional em Letras/Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/05544450524672928>. E-mail: concisialopes@uern.br

Palavras-chave: História em Quadrinhos. *Turma da Mônica*. Milena. Negritude.

ABSTRACT: The representation of Black womanhood in children's literature is crucial for the development of young readers, especially regarding the construction of positive identities. Furthermore, it constitutes an act of resistance against racism. Its relevance is evident in several aspects, as in the deconstruction of racist stereotypes that have historically reinforced negative portrayals of Black individuals (as inferior, marginalized, or terrifying characters). Therefore it becomes necessary to conduct a detailed study on the representation of Black women in children's literature. Therefore, this article aims to analyze the representation of Black femininity in the comic books written by Mauricio de Sousa, widely known for producing the famous stories of the *Turma da Mônica* since the 1960s, in addition to creating more than two hundred characters that have influenced several generations. His career combines art, business, and a strong connection with children's culture in Brazil. To support this discussion, Almeida (2019) is used to address racial issues; Ramos (2009), to discuss comic books, Carvalho (2006), regarding comic books as a pedagogical resource, as well as bell hooks (2019) and Mbembe (2017), whose works contribute to the discussion of racial issues addressed in this study.

Keywords: Comic Books. *Turma da Mônica*. Milena. Blackness.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) servem como instrumentos potentes para a construção simbólica da identidade e representatividade, possuindo a capacidade de moldar identidades individuais e, ao mesmo tempo, reforçar ou desafiar os estereótipos sociais predominantes. No Brasil, a *Turma da Mônica*, que foi concebida por Maurício de Souza em 1959, surgiu como um fenômeno cultural significativo, exercendo considerável influência sobre gerações sucessivas por meio de sua diversidade de personagens. No entanto, por várias décadas, a narrativa associada a essa franquia foi caracterizada por uma notável deficiência na representação negra, refletindo assim um contexto mais extenso de marginalização da população negra na mídia infantil.

Apenas em 2017, a apresentação de uma personagem negra chamada Milena representou um marco importante para a *Turma da Mônica*. Pois foi a primeira protagonista negra, uma menina de sete anos defensora dos direitos dos animais com grande paixão pelo futebol, integrante da família Sustenido. Antes da apresentação de Milena, Jeremias, um personagem criado em 1960, foi a primeira figura negra da série. Contudo, por muitos anos, ele ocupou um papel secundário marcado por estereótipos, inicialmente apresentando características associadas ao *blackface* e exibindo uma personalidade pouco desenvolvida.

Este artigo oferece uma análise da representação de personagens negros na série de quadrinhos *Turma da Mônica*, discutindo a respeito do Afropolitanismo por meio da personagem Milena. Além disso, este trabalho abarca a evolução histórica de personagens como Jeremias e Milena, bem como os avanços e limitações em suas representações, incluindo a abordagem de temas como racismo e identidade

cultural. Assim, o principal objetivo do estudo é examinar a representação da mulher nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, utilizando a personagem Milena como referência.

Partimos do pressuposto de que, apesar de a inclusão de Milena e a ressignificação de Jeremias serem avanços importantes, a representação negra nos quadrinhos brasileiros ainda enfrenta obstáculos. Entre eles estão a falta de profundidade no desenvolvimento de histórias que abordem suas culturas e experiências além do racismo. A análise é fundamentada em pesquisas acerca da identidade cultural, racismo estrutural e função educativa das HQs, estabelecendo um diálogo com autores como Mbembe (2015 e 2017), bell hooks (2019) Almeida (2019), Djota Carvalho (2006), Ramos (2009), além de exemplos concretos das edições da MSP.

Esta pesquisa é justificada pela necessidade de: analisar criticamente a representação negra na *Turma da Mônica*, identificando estereótipos; avaliar o impacto dessas representações no público infantil, com base em estudos sobre mídia e identidade; propor reflexões sobre como os quadrinhos podem promover a equidade, considerando seu potencial educativo e cultural.

Nesse contexto, a *Turma da Mônica* oferece um espaço propício para a exploração de temas significativos, pois a série sempre apresentou narrativas infantis relevantes por meio de representações e inclusão. Portanto, este estudo adota uma abordagem qualitativa, pois realiza uma análise crítica centrada na narrativa textual dos quadrinhos. Além disso, oferece uma perspectiva histórica que abrange desde a criação de Jeremias, o primeiro personagem negro, até Milena, que é o foco desta pesquisa. Esta investigação tem um enfoque analítico-interpretativo, fundamentando-se na leitura crítica da obra em diálogo com teorias literárias. Segundo Lakatos (2003, p. 183), “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto” mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Dessa forma, essa perspectiva adotada nesta pesquisa enriquece as novas descobertas feitas ao longo do estudo. Nesse contexto, o método empregado neste estudo refere-se à pesquisa bibliográfica, considerando a necessidade de fundamentar teorias de outros autores que abordaram as questões discutidas aqui.

Além disso, este trabalho tem um caráter interpretativo, o que é relevante para o desenvolvimento deste projeto, considerando que, segundo Durão (2020, p. 20), “interpretar significa acrescentar algo à literalidade de um objeto de forma que, ao final, aquilo que foi adicionado pareça pertencer a própria coisa” (p.28). Dessa forma, a produção de conhecimento ocorreria, nesse caso, por meio da interpretação literária, o que destaca e aprofunda a objetividade da literatura como um campo relevante de estudo.

2 A RELEVÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: A ARTE VISUAL

Desde o período pré-histórico, existem registros de desenhos e representações feitos pelo ser humano que representam animais selvagens. Isso é interessante, considerando que esses desenhos foram dispostos em uma sequência narrativa. Certamente, isso pode ser considerado um dos primeiros indícios que conduziram a estudos interpretativos subsequentes sobre o mundo pré-histórico.

Ademais, hoje em dia, essa sequência de imagens pode ser interpretada como uma história em quadrinhos (HQ), um gênero contemporâneo que se destaca na literatura atual.

Desse modo, esse gênero é uma modalidade de arte sequencial que mescla imagens e textos para contar uma história, também chamado de gibis (no Brasil) ou comics (em inglês), veiculados em revistas, livros, tiras de jornais ou formatos digitais. No Brasil, as histórias em quadrinhos começaram com a revista *Tico-Tico*, que era publicada semanalmente e incluía quadrinhos, contos, passatempos, mapas educativos e lições de civismo. Essa revista desempenhou um papel crucial na disseminação das HQs no país, considerando que a maioria da população não era letrada na época. A leitura visual das imagens tornava o gênero mais acessível, além de associar os quadrinhos a um caráter educativo, já que a revista tinha como objetivo educar as crianças.

Apesar de ser um gênero muito consumido pela sociedade hoje em dia, por ser de fácil leitura, as histórias em quadrinhos não eram bem vistas pela elite burguesa no passado. Tanto pelo preconceito em relação ao tipo de leitura, visto que, apenas as obras clássicas eram consideradas literatura, quanto pela marginalização desse gênero, que era consumido principalmente pela população menos escolarizada. Nesse sentido, segundo Djota Carvalho:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiram hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam temas estrangeiros prejudiciais às crianças (2006, p. 32).

Assim, as histórias em quadrinhos desempenham um papel significativo no mundo literário, pois seu estilo contemporâneo, aliado a uma linguagem acessível, consegue atrair um número maior de leitores habituados a leituras rápidas no mundo digital. Este estudo, pois ele se concentra na análise da personagem Milena nos quadrinhos da Mônica, abordando a questão da representatividade negra, que foi escassa por um longo período. Os quadrinhos da Milena podem ser utilizados como uma ferramenta pedagógica em sala de aula para dialogar com a história afro-brasileira, tendo em vista que, após a promulgação da Lei 10.639/03, que alterou a LDB e incluiu a obrigatoriedade de estudar a história e a cultura afro-brasileira no currículo oficial das instituições de ensino.

No Brasil, somente em 1996 as histórias em quadrinhos passaram a ser reconhecidas como instrumentos pedagógicos, quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Essa lei, de certa forma, propunha a integração desse meio com a educação básica e fundamental. Desse modo, ela “[...] indicava a necessidade de incluir outras linguagens e expressões artísticas no ensino fundamental e básico” (Vergueiro; Ramos, 2009, p. 10).

Nesse cenário, a partir da década de 1970, os livros didáticos brasileiros já incorporaram narrativas gráficas sequenciais, elaboradas por artistas de renome, como Eugenio Colonnezze e Rodolfo Zalla (1992). Esses quadrinhos funcionavam como uma ferramenta pedagógica, representando os diálogos dos personagens por meio de balões. Assim, a incorporação de quadrinhos nos livros didáticos é uma excelente forma de educar por meio da arte visual e, de certa forma, inclusiva, pois

incentiva a leitura, o aprendizado de idiomas estrangeiros, o debate e a reflexão sobre temas específicos, além de permitir a realização de atividades recreativas, como encenar uma história em quadrinhos.

3 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NOS QUADRINHOS DA MÔNICA AO LONGO DO TEMPO

Como já foi mencionado, as HQs podem ser usadas como uma ferramenta pedagógica para facilitar o aprendizado dos alunos. A presença da negritude feminina em histórias infantis tem se mostrado um elemento fundamental para o desenvolvimento da identidade, autoestima e consciência racial em crianças negras, além de incentivar a diversidade e a resistência ao racismo cultural desde a infância. A respeito do racismo cultural, Mbembe diz:

[...] o racismo cultural não era senão o resultado de uma mutação do racismo vulgar. Não se baseava numa equação de ordem morfológica. Ele atacava formas particulares de vida que o colonialismo especialmente se esforçava, então, por liquidar. Se não desse para destituí-las, procurava desvalorizá-las ou transformá-las em objectos exóticos (2017, p. 173).

O autor discute que o racismo cultural não se baseia em critérios morfológicos, como a fenotípicia, mas em uma hierarquização de modos de vida, práticas culturais e epistemologias que não são ocidentais. Essa forma de racismo atua por meio de táticas de deslegitimação: a eliminação simbólica de culturas oprimidas, sua exotização fetichizada ou sua desvalorização constante como sistemas de conhecimento válidos. A cultura negra não recebe a devida valorização nem no corpo social nem nos currículos escolares. Segundo Almeida:

A escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes (2019, p. 42).

Nesse cenário, a escola tem um papel fundamental na discussão sobre esse tema pouco abordado. Tendo em vista que os primeiros e últimos anos do ensino fundamental são os mais importantes para discutir essa questão, uma vez que os alunos estão em uma fase de transformações e desenvolvimento, aprendendo a lidar com as diversidades que o mundo apresenta. Certamente, abordar a negritude em sala de aula é uma atividade importante a ser realizada.

Assim, é válido mapear a evolução da negritude nos quadrinhos da *Turma da Mônica* ao longo dos anos. Na década de 60, Jeremias, o primeiro personagem negro a surgir nas histórias em quadrinhos, foi também o primeiro a ser apresentado de forma caricatural. Isso aconteceu em razão da utilização da técnica *blackface*, que apenas intensificou as características do personagem e reforçou certos estereótipos associados ao tema, como se pode ver a seguir:

Figura 1 - Jeremias ao longo do tempo



Fonte: Mônica Wiki (2017).

A primeira ilustração de Jeremias foi feita com tinta nanquim, durante o período em que as histórias eram publicadas em preto e branco. Posteriormente, após os anos 1970, com o advento da *Turma da Mônica* e a chegada da impressão colorida, o personagem passou a ser retratado de outra maneira, mais condizente com a realidade social.

Portanto, é claro que, apesar da tentativa de incluir a comunidade negra na *Turma da Mônica* por meio do personagem Jeremias, o traço exagerado pode ter gerado o efeito contrário ao pretendido pelo autor, que ao longo do tempo modificou as características do personagem. Isso vai ao encontro com o que a autora bell hooks (2019, p. 89) diz "contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade". A autora relaciona a prática narrativa não só à expressão pessoal, mas também a um esforço coletivo de resistência e reexistência. hooks insere-se em um debate pós-colonial e feminista que entende a narração como um ato de agência política.

Ademais, esse assunto poderia ser utilizado em sala de aula como uma forma de conscientização, incentivando os alunos a refletirem sobre a representação negra nos quadrinhos da Mônica ao longo dos anos, para além de estereótipos. Essa inclusão é fundamental tanto para o combate ao racismo quanto como um ato de resistência. Munanga afirma que isso contribui para a "desintoxicação semântica e constituição de um novo lugar de entendimento das relações, outros e o mundo" (2019, p. 53).

Figura 2 - Jeremias, o príncipe da África



Fonte: Arquivos da Turma da Mônica (2022).

O personagem teve sua primeira aparição significativa em uma narrativa de 1987 chamada *Jeremim em O Príncipe que Veio da África*. A trama se desenrola no contexto histórico da escravidão, retratando o personagem como um príncipe africano que é comercializado como escravo. Esta é uma das etapas iniciais da *Turma da Mônica* enquanto um meio impactado pelos movimentos antirracistas. Nesse período, Jeremias era retratado alternadamente com nanquim ou marrom, como parte de um esforço para adaptar o processo de criação das histórias às transformações causadas pelo debate racial.

Nesse contexto, é importante ressaltar que as histórias em quadrinhos, assim como qualquer outro meio de comunicação, desempenham um papel fundamental na formação do leitor, que será exposto a valores e ideologias contidos nas narrativas. Portanto, é fundamental observar como determinadas questões raciais são apresentadas por meio dos protagonistas. Apesar das controvérsias sobre a representação da negritude nas histórias em quadrinhos da Mônica, é inegável que, independentemente de como a questão racial foi tratada, o tema estava presente para ser analisado e questionado.

4 MILENA: PARA ALÉM DA COR DA PELE, UM ATO DE RE-EXISTÊNCIA POLÍTICA E RACIAL

A inclusão levou décadas para acontecer, mas, gradualmente, a representação começou a surgir, embora de forma tardia. As primeiras aparições de Milena ocorreram em capas das histórias de outros personagens. A personagem Milena é fundamental para as histórias em quadrinhos da Mônica. É fundamental destacar que a personagem é retratada de forma abrangente, além da cor de sua pele; ela é uma criança que sonha em ser astronauta, jogadora de futebol e muito mais, não se limitando a ser apenas uma criança negra reduzida a histórias de racismo e sofrimento. Isso é interessante de ser observado, uma vez que está alinhado com o que Mbembe (2017) diz:

De seguida, ser reduzido ao estado de sujeito de raça é ser imediatamente instalado na posição do Outro. O Outro é aquele que deve, a todo o momento, provar a outrem que é um ser humano, que merece ser considerado seu semelhante; como Fanon insiste, provar que é um homem semelhante aos outros», «um homem como os outros», que é como nós, que é nosso, que é dos nossos. Ser o Outro é sentir-se sempre instável. A tragédia do Outro tem origem nesta instabilidade. O Outro está constantemente alerta. Vive na expectativa de ser repudiado. Faz tudo para não o ser, sabendo que, quando menos esperar, acabará por sofrer o repúdio (2017, p. 176).

Nesse sentido, ser classificado em uma categoria racial implica ter sua identidade determinada pelo olhar dominante colonial que caracteriza o negro como o Outro — o distinto, o exótico, o que foge do padrão. Assim, apesar de a representação feminina estar positivamente relacionada nos quadrinhos da Mônica (Mônica e Magali), existe uma lacuna na representação da negritude feminina que foi parcialmente preenchida ao longo do tempo. Isso deve ser levado em consideração, pois a representação da personagem Milena não visa apenas cumprir uma cota, mas destacar a negritude feminina além do sofrimento frequentemente associado à cor

da pele, como se a história de Milena tivesse que se restringir a conflitos raciais, dor e sofrimento apenas por causa de sua etnia. Ademais, isso vai ao encontro com o que Mbembe (2015) discute acerca do Afropolitanismo:

O afropolitanismo é uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora, o que não significa que ela não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infringiu a esse continente e a seus habitantes. É igualmente uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral (2015, p. 70-71).

Nesse contexto, o Afropolitanismo descarta a noção de que africanos ou indivíduos de origem africana devem ser definidos unicamente pelo sofrimento, assim como pela escravidão, pelo racismo e pelo colonialismo. Isso é o que acontece nas histórias da personagem Milena, retratada como uma garota negra que transcende a bolha da representatividade além da dor e do sofrimento. A construção da família Sustenido, composta por profissionais respeitados (mãe veterinária, pai publicitário) e influências musicais que reverberam tradições afro-diaspóricas, ilustra como é possível observar uma família negra livre dos estereótipos de marginalização.

Este estudo examina como a personagem Milena confronta as estruturas históricas de exclusão, simbolizando tanto uma resposta às reivindicações do movimento negro quanto uma reivindicação de espaço na cultura popular brasileira. Um aspecto interessante a ser observado sobre a personagem Milena é que, ao contrário de Magali e Mônica, que são apenas crianças sendo crianças, Milena, embora fuja do estereótipo da criança negra reduzida apenas à narrativa sobre racismo, carrega o peso de representar uma população historicamente marginalizada. Há o risco de ela ser lembrada apenas como "negra filha de veterinária", o que poderia simplificar sua complexidade.

Milena foi incorporada à turma em 2017 durante o evento *Corrida Donas da Rua*. O intervalo de 58 anos entre a criação de Jeremias (1960) e a introdução de Milena (2017) evidencia uma marginalização constante da negritude feminina no mundo da *Turma da Mônica*. Sua inclusão, embora tardia, representou um marco significativo para os quadrinhos da Mônica, atendendo a uma demanda por maior representação, especialmente de meninas negras que não se viam refletidas nas histórias em quadrinhos. Essa ausência não foi neutra, mas geradora de subjetividades, milhões de meninas negras cresceram sem modelos que as ajudassem a se identificar no imaginário lúdico do país.

Milena já foi destaque em capas e propagandas de revistas da turma com o objetivo de mostrar que os personagens não são somente brancos. Recentemente, foi publicada sua história de apresentação na '*Turma da Mônica No 45*'. Milena já havia sido destaque em capas como *Almanacão de Férias*, em que fez uma participação como figurante. Na imagem a seguir, seus cachos inspiram as demais meninas do grupo, representando o empoderamento da mulher negra, que se orgulha de ter um cabelo que foge dos padrões impostos pela sociedade.

Figura 3 - Os cachos de Milena



Fonte: Capa de Almanaque da Mônica N° 73 (2019).

Milena é retratada como possuindo autoestima elevada e cabelos lindamente encaracolados, atributos que historicamente desafiam os padrões eurocêtricos de beleza propagados na mídia infantil. Vale ressaltar que vários outros personagens negros foram apresentados nos quadrinhos da Mônica, porém sempre como personagens secundários e sem relevância. É provável que a MSP tenha recebido reclamações a respeito e decidiu criar uma família exclusiva de personagens negros, com Milena como líder, para evitar ser acusada de racismo. Assim, além de Milena, uma garota de 7 anos, estão também seus pais e uma veterinária recém-chegada do Limoeiro. Ao longo da história de Milena em *Milena em: Muitas possibilidades*, nota-se seu desejo de seguir várias profissões, desde astronauta até atriz de cinema, como é possível observar:

Figura 4 - As possibilidades de Milena



Fonte: GIBI PARA OUVIR. Milena em *Muitas possibilidades* - Turma da Mônica.

Assim, a chegada de Milena trouxe mais diversidade ao grupo, destacando questões como identidade, autoestima e representatividade que podem ser discutidas em sala de aula, tendo em vista que a cultura negra deve ser discutida nas

escolas de acordo com a legislação. Uma maneira de abordar essa literatura seria focar nos traços e na cultura da personagem, considerando que seu estilo de cabelo (geralmente em *black power* ou tranças) ressalta a estética afro-americana, o que ainda é incomum em personagens infantis. Milena aborda sua cultura e celebra sua beleza natural em várias histórias em quadrinhos, incentivando jovens negras a se auto identificarem por meio dessa arte, isso nos leva a refletir sobre essa identidade negra que é moldada por meio da personagem, segundo Bauman:

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de "alcançar o impossível": essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no "tempo real", mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo - na infinitude... (p.16- 17).

O autor aborda o aspecto paradoxal da busca por identidade: um processo constante, que nunca é completamente concluído, e que impõe ao indivíduo a tarefa quase inatingível de "construir" uma identidade estável em um mundo volátil e fragmentado. Bauman menciona que as identidades só podem ser "realizadas na plenitude do tempo", nunca de maneira instantânea. Isso reflete a longa espera de quase sessenta anos para a *Turma da Mônica* apresentar uma protagonista negra feminina, apesar do Brasil ser predominantemente negro e pardo. Bauman afirma que a procura por identidade é "intimidadora", pois requer que a pessoa se identifique em meio a estruturas que a negam. No que diz respeito à Milena, sua criação foi uma reação política a essa falta.

A inclusão de Milena foi um avanço na representação negra nos quadrinhos brasileiros, porém gerou debates sobre a falta de personagens negros históricos. A Milena não é somente uma personagem, mas uma manifestação de visibilidade em um ambiente (os quadrinhos infantis) que desafiou a branquitude como norma. A representação de Milena, com cabelos crespos, autoconfiança elevada e uma família negra de classe média, desafia preconceitos e oferece um reflexo possível, mesmo que em um contexto ficcional que levou tempo para aceitá-la.

Antes disso, os gibis da *Turma da Mônica* contavam com poucos personagens negros relevantes. Assim, Milena simboliza de maneira significativa a negritude feminina nos quadrinhos infantis brasileiros. Sua presença ajuda a normalizar a diversidade e permite que as crianças participem de discussões sobre identidade racial de forma acessível. Embora ainda haja espaço para melhorias, ela já exerce um papel fundamental na valorização da cultura negra na *Turma da Mônica*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Negritude é um movimento cultural manifestado por meio de expressões artísticas. No objeto de estudo em questão, a negritude é retratada na literatura, especialmente nas histórias em quadrinhos, que raramente representaram personagens negros de forma adequada. Quando a temática foi abordada, ocorreu de forma superficial e estereotipada, causando mais danos do que benefícios ao movimento. É fundamental abordar a identidade negra na literatura, pois isso liga elementos de tradição, cultura e vivências, transcendendo a simples representação. Logo, essa discussão é relevante, pois, por um longo período, na literatura brasileira, o negro foi retratado de forma caricatural, como um indivíduo subalterno.

Como um gênero de linguagem acessível, as histórias em quadrinhos permitem a discussão desses temas e a inclusão de lições no ambiente escolar. Milena, nos quadrinhos da *Turma da Mônica*, é um símbolo de resistência, servindo de inspiração para outras crianças negras que se veem refletidas em sua personagem, que quebra estereótipos de gênero e raça. A personagem interpretada pode ser vista como um ato de re-existência racial e até política, ao promover o debate sobre sua inclusão em uma narrativa que levou décadas para tratar questões raciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. [s. e.]. Rio de Janeiro: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARQUIVOS, Turma da Mônica. *Jeremim: HQ “O príncipe que veio da África”* [online]. Blog Arquivos Turma da Mônica, 13 maio 2022. Disponível em: <<https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2022/05/jeremim-hq-o-principe-que-veio-da-africa.html?m=1>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 16-7

CARVALHO, DJota. **A Educação Está no Gibi**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2006.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

GUIA, dos Quadrinhos. **Almanaque da Mônica – 1ª série nº 73** [online]. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/almanaque-da-monica-1-serie-n-73/al011104/1436437/>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

GIBI, para ouvir. Milena em – *Turma da Mônica* [vídeo online]. YouTube, 4 ago. 2021 (aproximado 4,3 anos antes de jul. 2025). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cLqQbrjrDOQ>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. **As formas Africanas de Auto-inscrição**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, 2001, p. 171-209.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009

TURMA DA MÔNICA WIKI. *Jeremias* [online]. Fandom, 2025. Disponível em: <<https://turmadamonica.fandom.com/pt-br/wiki/Jeremias>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Recebido: 09/02/2026

Aceito: 20/03/2026

Publicado: 10/05/2026

COMO CITAR:

TAVARES, Victor Emanuel; PONTES, Daniel Lucas Dantas; SANTOS, Concísia Lopes dos. Milena e o afropolitanismo nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica de Maurício de Souza: representação, identidade e infância. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 123–134, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7783. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7783>.